ENSAIO

Dê Valor

O problema não é a velocidade. É a anestesia.

Renato Gonçalves da Silva

O homem contemporâneo não perdeu apenas o tempo — perdeu o critério. Já não distingue o essencial do acessório, o duradouro do descartável, o valor do preço. Vive sob uma lógica de aceleração contínua, onde parar passou a ser visto como falha e refletir, um atraso. Não é a velocidade que destrói — é a incapacidade de permanecer. Permanecer em um pensamento, em uma relação, em um propósito.

A vida continua simples. Sempre foi. O que mudou foi a forma como fomos condicionados a enxergá-la. Terceirizamos a consciência. Não pensamos — reagimos. Não escolhemos — seguimos fluxos. Não sentimos — reproduzimos padrões. O que se vende como evolução é, em muitos aspectos, apenas uma sofisticação da alienação.

A neurocientista Maryanne Wolf demonstra que o cérebro leitor profundo está sendo substituído por um cérebro fragmentado, incapaz de sustentar reflexão prolongada. Não se trata apenas de leitura — trata-se da capacidade de pensar com densidade. Um cérebro que não aprofunda não elabora. E quem não elabora, não valoriza.

A psiquiatra Anna Lembke descreve uma sociedade capturada por ciclos de recompensa imediata, na qual o cérebro perde a capacidade de tolerar o tédio, a espera e o silêncio. Sem essas dimensões, não há amadurecimento psíquico. Sem espera, não há valor. Byung-Chul Han aprofunda esse diagnóstico ao mostrar que o indivíduo contemporâneo se autoexplora acreditando ser livre, enquanto se esgota — produtivo em tudo, exceto em ser humano.

Viktor Frankl já havia antecipado esse vazio: o homem moderno não sofre por falta de prazer, mas por falta de sentido. E o sentido não nasce da satisfação imediata — nasce da responsabilidade e do compromisso. Mas compromisso exige permanência, permanência exige esforço, e o esforço foi substituído por facilidade.

O resultado é um indivíduo hiperestimulado e emocionalmente subnutrido. Informado, mas não sábio. Conectado, mas não presente. Produtivo, mas não pleno.

Nesse cenário, os valores não são atacados frontalmente — são tornados irrelevantes. Família passa a ser logística. Fé passa a ser acessório. Dignidade passa a ser negociável. Amizade passa a ser conveniência. Tudo permanece no discurso, mas desaparece na prática.

Não foi perdido. Foi abandonado. E o abandono não foi imposto — foi aceito. Aceito quando trocamos presença por distração, profundidade por velocidade, essência por aparência.

O homem moderno tornou-se eficiente em tudo, exceto em ser humano. Sabe produzir, mas não sabe parar. Sabe comunicar, mas não sabe ouvir. Sabe conquistar, mas não sabe sustentar.

A pergunta que permanece não é para onde vamos — mas o que restará. Porque quando cessarem os estímulos e o ruído silenciar, não será o que acumulamos que falará por nós, mas o que preservamos.

Dê valor.

Não ao que chama atenção, mas ao que sustenta. Não ao que pode ser exibido, mas ao que permanece quando ninguém está olhando. Dê valor ao que exige presença, silêncio e escolha consciente.

Porque no fim, não será o que você consumiu que definirá sua vida. Será o que você teve coragem de preservar, mesmo quando tudo ao redor dizia que não valia a pena.

E quase ninguém hoje tem coragem para isso.

Renato Gonçalves da Silva

Renato Gonçalves da Silva

© 2026 Renato Gonçalves da Silva. Direitos autorais registrados. Todos os direitos reservados. Reprodução proibida sem autorização expressa do autor.